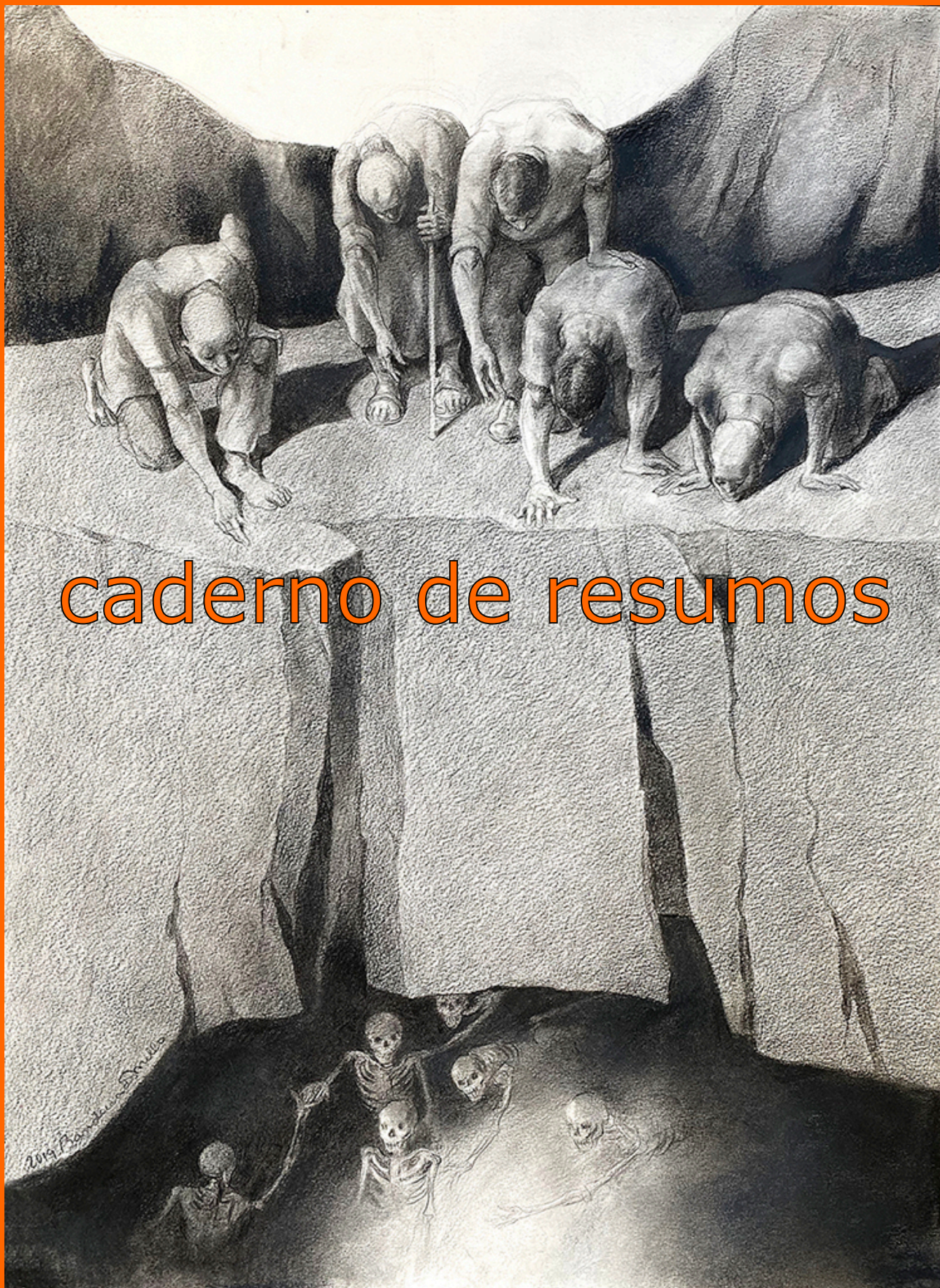


ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS



caderno de resumos



Imagem:

Lydio Bandeira de Mello

Leopoldina MG 1929. Vive no Rio de Janeiro – RJ.

Sem título, 2019

Carvão crayon e pastel seco, 75 x 55 cm

Acervo Lydio Bandeira de Mello.

Crédito Fotográfico: Rafael Bteshe.

41º. Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

caderno de resumos

Evento virtual

2021



41º Colóquio do Comitê Brasileiro de
História da Arte

23 a 27 de novembro de 2021

Arte em
Tempos Sombrios



41º COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE: *ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS*

Evento virtual

23 a 27 de novembro de 2021

Diretoria do CBHA (Gestão 2020 - 2022)

Marco Pasqualini de Andrade (UFU) – Presidente

Neiva Bohns (UFPeL) – Vice-Presidente

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ) - Secretária

Arthur Valle (UFRRJ) - Tesoureiro

Comissão de Organização

Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA) (presidente)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA)

Marize Malta (UFRJ/CBHA) Neiva Bohns (UFPeL/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Sandra Makowiecky (UDESC/CBHA)

Comitê Científico

Almerinda Lopes (UFES/ CBHA)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA) Bianca Knaak (UFRGS/ CBHA)

Blanca Brittes (UFRGS/CBHA)

Camila Dazzi (CEFET-RJ/ CBHA)

Fernanda Pequeno (UERJ/ CBHA)

Fernanda Pitta (Pinacoteca-SP/ CBHA)

Marco Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)

Maria do Carmo de Freitas Veneroso (UFMG/CBHA)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/ CBHA)

Marília Andrés Ribeiro (UFMG/CBHA)

Neiva Bohns (UFPeL/CBHA)

Niura A. Legramante Ribeiro (UFRGS/ CBHA)

Paulo César Ribeiro Gomes (UFRGS/ CBHA)

Raquel Quinet Pifano (UFJF/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/ CBHA)

Vera Pugliese (UnB/ CBHA)

Equipe de Produção

Coordenação geral

Rogéria de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Coordenação das equipes

Martha Werneck de Vasconcellos (EBA-UFRJ)

Pós-graduação em Artes Visuais (PPGAV-EBA-UFRJ)

Debora Camilo dos Santos

Gabriel Pereira

Licius da Silva

Paulo Cesar Holanda

Bacharelado de História da Arte (EBA-UFRJ)

Carlos Henrique de S. Fernandes

Caroline de Castro Miranda

Julia Poina

Lorena Kock Nascimento

Lucas Gibson



ICONOGRAFIA POLÍTICA NA ASSÍRIA: ENTRE REMEMORAÇÃO E ICONOCLASMO

KATIA M.P. POZZER¹

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul/katia.pozzer@ufrgs.br

Os relevos assírios constituem um dos mais ricos conjuntos iconográficos da arte mesopotâmica. Ao longo de mais de dois séculos os monarcas assírios desenvolveram a prática cultural de criação de relevos monumentais, que recobriam as paredes internas dos palácios, contendo uma narrativa histórica idealizada e sua estava associada ao momento político de construção de grandes impérios.

Nesta comunicação analisaremos o relevo conhecido como "O Banquete sob a Videira", considerado um dos mais memoráveis e enigmáticos da arte do antigo Oriente Próximo e que se encontrava em uma sala do palácio sudoeste de Senaqueribe, na cidade de Nínive, atual Iraque. Trata-se de uma narrativa histórica de rara beleza, ambientada em um jardim, onde o rei Assurbanipal e sua esposa, a rainha Aššur-šarrat, participam de um banquete sob uma videira carregada de frutos. Contudo, ao olharmos atentamente para o relevo, observamos uma cabeça pendurada em uma árvore. Trata-se de Teumman, o rei do Elão, que estava em guerra com a Assíria e que fora decapitado no meio da batalha de Til-Tuba, em 653 AEC. Sua cabeça foi levada, como um troféu, em um carro de guerra para o palácio em Nínive a fim de compor a ornamentação do banquete comemorativo da vitória assíria. Podemos ainda observar que parte do relevo - o rosto e as mãos do rei e de sua consorte -, sofreram uma ação iconoclasta. A cena contém dois níveis de violência, uma pela inclusão outra por apagamento. A mutilação dos corpos, uma prática atestada em todo o Oriente antigo, revela um discurso sobre a violência em tempos de guerra. Já o iconoclasmo perpetrado contra o relevo evidencia a tentativa de apagamento da memória deste evento e o desejo expresso de levar estes personagens ao esquecimento da história.

Segundo a ideia da representação visual na Mesopotâmia, o significante era capaz de recordar o significado direto, isto é, uma imagem mental, onde cada signo, possuía, ao mesmo tempo, um valor pictográfico e fonético e teria o potencial de evocar outros referentes. Assim, a imagem não era uma réplica natural, mas sim um código acordado, sujeito a um processo de mediação cultural, uma representação idealizada da realidade. Partindo dessa ideia, propomos analisar o relevo do "Banquete sob a Videira".

PALAVRAS-CHAVE:

Arte Oriental. Mesopotâmia. Iconografia. Iconoclastia. Assíria.

IMAGENS:



O Banquete sob a Videira. c. 668-631 AEC.

Alabastro, 134 X 153 cm.

Kouyunjik (Nínive), Iraque.

Londres, Museu Britânico.

© The Trustees of the British Museum

Fonte: <https://www.britishmuseum.org/collection/image/237000001>